

Engenheiro e geólogo suspeitos



Lá pelos anos 1980, eram poucos os saberes sobre os TBM's (Tunnel Boring Machines), ou "Tatuzão" como é carinhosamente conhecido pela população.

Assim depois de muito "justificares & comprovares", papelada que passava até no Palácio do Morumbi, nossa dupla de paladinos do conhecimento escavatório ganhou a viagem para visitas aos fabricantes de Shields e outros equipamentos em vários países europeus.

Ah, sim! Nossa dupla, quase perfeita, se constituía de dois coordenadores do antigo PCI (Projeto Civil): o geólogo Kenzo Hori (geotecnia) e o engenheiro José Vítor Soalheiro Couto (estruturas).

Chegaram a Lisboa e de lá em diante seguiriam de trem (Espanha, França, Alemanha e Itália).

Após os bacalhaus e portos de praxe (ressalve-se o Kenzo, abstêmio padrão do vinho do Porto e de qualquer outro líquido de Baco) rumaram, naquele frio janeiro, para a Espanha.

Então, na fronteira luso-ibérica, a polícia ferroviária sobe no trem e olha cuidadosamente os passaportes pátrios (sempre suspeitos, já que eram, na época, dos mais fáceis de falsificar) e, em seguida, abrem resolutamente as duas malas. A do José Vítor, magro, moreno e com um enorme bigode tipo "imperial", foi cuidadosamente apalpada, além do seu paletó.

Mas a do Kenzo foi, simplesmente emborcada, deixando cair tudo que lá havia. E, em seguida, apalpada.

Liberados começaram a rearrumar a mala do Kenzo, a essa altura xingando, em voz baixinha, os guardas.

Após as muitas paellas e xerez nossos paladinos rumaram para a França, por trem.

Na fronteira Espanha & França o trem para e os gendarmes ferroviários sobem para a devida fiscalização.

E eis que a cena se repete: de modo não muito gentil, e rapidamente, apalparam a mala do Zé Vítor e viram ao chão a do Kenzo.

Com um simples "au revoir", como se nada tivesse havido,

partem sem mais problemas.

Após as visitas francesas e muita bouillabaisse e vinhos da Provence, embarcam para a Alemanha. De trem, claro.

Chegando à fronteira com a Alemanha o estado dos nossos heróis é um pouco aterrorizante com as perspectivas. Mas o Kenzo, diplomado no Instituto Goethe, imaginou um diálogo com os polizei e que tudo acabaria em cerveja.

Mas subiram dois enormes e taciturnos policiais e sem mais falar e com vista rápida nos passaportes... apalpou uma mala e da outra jogou tudo ao chão. Um minuto após, saíram rapidamente sem ao menos o tradicional "auf Wiedersehen".

Assim, após muitos chucrutes, einsbein e cervejas (o Kenzo, não), rumaram para a Itália. Na fronteira subiram dois guardas gozadores saudando os fratelli brasiliani. Após a leitura dos passaportes, o Kenzo, que não aguentava mais arrumar sua mala perguntou aos amici:

"Vocês vão apalpar essa mala e a minha mala vai ser jogada com tudo, no chão?"

Aqui faço uma importante observação: o Kenzo havia passado 10 dias em sua chácara no Sertão do Quina, em Ubatuba, e estava muito queimado, de maneira rara para um nissei e/ou japonês.

Mas então o carabinieri, latinamente, respondeu:

"Amici, scusas, ma vendo o brasileiro com grande moustache pensamos em um terrorista árabe e para você, moreno, cabelo meio espetado, um traficante boliviano ou peruano e com cocaína! Assim procuramos a bomba em questa mala apontando o Zé e em questa outra (a do Kenzo) os pacotinhos do pó escondidos em qualquer lugar dela ou nas roupas..."

Silêncio e estupefação geral. Em seguida um dilúvio de gargalhadas brasiliani & italiani.

O engenheiro terrorista e o geólogo traficante... Coisas de metroviários brasileiros no exterior...

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ

é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte

E-mail: nstupinamba@uol.com.br

